

Rádio Itatiaia: 60 anos de jornalismo¹

PRATA, Nair (doutora)²
UFOP/MG

Resumo: A Rádio Itatiaia, com sede em Belo Horizonte, vai completar 60 anos de jornalismo, com práticas inovadoras e vivências antológicas. Este artigo tem o objetivo de resgatar a história do jornalismo da emissora que é conhecida pelo seu slogan “A rádio de Minas”. Este texto faz parte de uma série de quatro trabalhos que pretendem traçar um mapeamento histórico das quatro principais emissoras noticiosas da Capital Mineira: Band News, CBN, Inconfidência e Itatiaia.

Palavras-chave: RÁDIO ITATIAIA; HISTÓRIA; RADIOJORNALISMO

Introdução

No dia 28 de agosto de 1941, às 12h55, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, foi ao ar a primeira edição do *Repórter Esso*, inaugurando uma nova era do radiojornalismo no Brasil. Em Minas Gerais, o *Repórter Esso* foi transmitido pela Rádio Inconfidência, abrindo espaço para um novo modelo de jornalismo radiofônico. Este artigo “Rádio Itatiaia: 60 anos de jornalismo” integra uma série de quatro textos que pretende resgatar a história do jornalismo das quatro principais emissoras de rádio noticiosas de Belo Horizonte: Band News³, CBN⁴, Inconfidência⁵ e Itatiaia.

A Rádio BandNews, que nasceu na esteira do sucesso da CBN, cujo slogan é “Em 20 minutos tudo pode mudar”, transmite jornalismo 24 horas, em 72 módulos diários, com espaços padronizados para notícias, prestação de serviço e opinião, tendo como foco o público adulto, das classes AB. Já a Rádio CBN introduziu no Brasil o legítimo modelo *all news* e o próprio slogan já informa isso: “A rádio que toca notícia”. A Rádio CBN Belo Horizonte tem hoje pequena parte da programação local e o restante em rede. Mas é a Rádio Inconfidência, cuja história se confunde com a própria história do rádio em Minas Gerais, a grande responsável pela inauguração do radiojornalismo em Belo Horizonte. Emissora das mais

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

² Jornalista, doutora em Linguística Aplicada (UFMG), professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordenadora (junto com o prof. Luciano Klöckner) do GT Mídia Sonora da ALCAR (Associação Nacional de Pesquisadores em História da Mídia). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). nairprata@uol.com.br.

³ SANTOS, Maria Cláudia. 2011: *ano histórico para redefinição do jornalismo da Rádio BandNews BH*.

⁴ PESSOA, Sônia. *CBN BH: 17 anos tocando notícia*.

⁵ CAMPELO, Wanir. *Inconfidência: o radiojornalismo mineiro começou aqui*.

tradicionais do Estado, fundada em 3 de setembro de 1936, a rádio já nasceu pública e com a vocação de unir a Capital ao interior. A popularização da programação da Inconfidência veio com o sucesso da Rádio Nacional mas, no final da década de 50, a emissora começou a sentir a concorrência da TV e de outras rádios e nunca mais foi capaz de trazer de volta o grande sucesso dos primeiros tempos e o brilho dos programas de auditório (PRATA, 2010).

Rádio Itatiaia – os primeiros tempos em Nova Lima até a internet⁶

A Rádio Itatiaia, sediada em Belo Horizonte, possui números importantes para qualquer veículo de mídia: 45,3% dos ouvintes de AM estão ligados na rádio; a emissora detém o 1º lugar de audiência nas classes A e B; tem uma audiência de 94% nas transmissões esportivas (soma 415.459 ouvintes por minuto) e sua cobertura atinge 92% das cidades mineiras.

A Itatiaia constitui um marco na história da radiofonia em Minas Gerais por encontrar um caminho novo na década de 50, deixando de lado os velhos conceitos de programação. O responsável por isso foi Januário Carneiro. Fundador da Rádio Itatiaia, transformou a pequena emissora numa estação que figura hoje entre os maiores faturamentos da mídia nacional.

O jornalista Januário Carneiro nasceu em Patrocínio do Muriaé, Minas Gerais, em 1928 e morreu em Belo Horizonte, em 1994. A família mudou-se para a Capital no final da década de 30. Na adolescência, Januário teve a sua primeira experiência radiofônica. No fundo do quintal de casa, debaixo das bananeiras, criou a Rádio Júpiter, estação que alcançava cinco quarteirões no bairro da Serra. O irmão pequeno, Emanuel, corria pela vizinhança para avisar quando a rádio entrava no ar. A programação ia das músicas dos discos de 78 rotações à voz da outra irmã, Ester, que cantava músicas da época.

Depois da brincadeira da Rádio Júpiter, Januário descobriu a imprensa de verdade. Começou a trabalhar no jornal *O Diário*, como repórter esportivo. Mas foi com seus boletins para a Rádio Continental do Rio que Januário começou a arquitetar o sonho de ter uma emissora própria, fugindo dos padrões tradicionais de programação.

A Rádio Itatiaia nasceu em Nova Lima, cidade a 30 quilômetros de Belo Horizonte. Em 1952, uma

⁶ Conf. PRATA, Nair. *História do rádio em Minas Gerais*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes e CUNHA, Mágda. (org.). *Rádio brasileiro - episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003; PRATA, Nair. *O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas*. In: BAUM, Ana. (org.). *Vargas, agosto de 54 - a história contada pelas ondas do rádio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004; PRATA, Nair. *Panorama do rádio em Belo Horizonte*. In: PRATA, Nair (org). *O rádio entre as montanhas – histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira*. Belo Horizonte: Editora Fundac, 2010; PRATA, Nair. *Tancredo Neves: a agonia e a morte do presidente pelas ondas da Rádio Itatiaia*. Anais do 3º Encontro Nacional da Rede Alcar, Novo Hamburgo, 2005.

pequena emissora estava à venda e Januário reuniu seus poucos recursos com os de alguns amigos e efetuou a compra. No Hotel Ouro, a estação nasceu com 100 watts, a menor potência permitida por lei, mas muito baixa para quem quisesse conquistar algum ouvinte. Além disso, a frequência era a pior possível: 1580 khz, no finalzinho do *dial*. Hoje, prestes a completar 60 anos, a emissora opera com 100 KW, com cobertura num raio de 140 quilômetros, atingindo toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte e grande parte das cidades do interior mineiro. A onda curta de 49 metros (5.970 kHz) abrange todo o Estado de Minas Gerais e Estados vizinhos.

A partir de 1952, quando a Itatiaia conseguiu autorização para operar em Belo Horizonte, disputavam o mercado da Capital três grandes estações: Inconfidência (de propriedade do governo de Minas Gerais), Guarani e Mineira (ambas pertencentes aos Diários e Emissoras Associados). As três trabalhavam da mesma forma com elenco de atores, grandes orquestras e programas de auditório. Sobre a Itatiaia, a população de Belo Horizonte comentava: “É uma emissora que fala para o centro e cochicha para os bairros” fazendo uma crítica à má qualidade do som e à falta de potência das transmissões.

Januário Carneiro pretendia implantar na Itatiaia um esquema diferente do que se conhecia até então a respeito de programação de rádio. A Rádio Panamericana, de São Paulo, já trilhava este novo caminho de identificação com o esporte e a Itatiaia tentava repetir a mesma fórmula, atraindo principalmente os apaixonados pelo futebol.

Januário Carneiro é, certamente, o maior nome do rádio mineiro e muitas histórias merecem ser contadas sobre ele, mas vamos destacar apenas uma, que inclusive é título de um livro, *Habla, Señor*⁷. Em 1959 a Rádio Itatiaia preparava-se para realizar com exclusividade a primeira transmissão internacional do rádio mineiro. Uma pequena equipe viajou para a Argentina, para cobrir a abertura do Campeonato Sul-Americano de Futebol, jogo entre Brasil e Peru. Nos estúdios da Itatiaia, em Belo Horizonte, era grande a expectativa com a transmissão, que todos sabiam ser histórica. Para abrir solenemente a cobertura, Januário encheu o peito e falou ao microfone:

Senhores ouvintes, boa noite. Este boa noite significa o grito de independência do rádio mineiro. Depois de quase 35 anos de existência, o rádio de Minas faz hoje a sua primeira transmissão própria de caráter internacional. Estamos falando de Buenos Aires, de onde vamos transmitir o jogo de abertura do Campeonato sul-americano de Futebol, entre Brasil e Peru (CARVALHO e MARTINS, 1992, p. 9).

Januário fez uma pausa e, antes de continuar, ouviu a voz da telefonista: “Habla, señor. Por que no hablas, señor?” Sem entender nada, Januário repetiu sua abertura, que escrevera com tanto carinho. O pessoal da equipe se assustou quando o chefe começou tudo de novo. E a telefonista continuava: “Por que no hablas,

⁷ CARVALHO, André e MARTINS, Kao. *Habla, Señor. Um homem chamado Januário*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1992.

señor? Por que no hablas, señor?” Nos estúdios, em Belo Horizonte, o locutor de plantão aguardava a voz de Januário, sem imaginar o que estava acontecendo. Januário gritou para a telefonista que estava “hablando”, mas nada acontecia. O tempo foi passando, as equipes começaram a se aquecer no gramado e a transmissão não se concretizava. “Será que tantas semanas de trabalho serão perdidas?”, pensava Januário. Por fim, descobriu-se o problema: Januário não conseguia “hablar” porque não havia ligado o microfone. Ligado o botão, foi feita, enfim, a primeira transmissão internacional própria do rádio mineiro.

Em setembro de 1952, um fato marcou a história da radiofonia em Belo Horizonte. Foram realizados na Capital os Jogos Olímpicos Universitários e as três principais emissoras de rádio de Belo Horizonte manifestaram pouco interesse pela cobertura das competições. A Itatiaia cobriu todos os jogos, contando com uma equipe sem experiência, sem carros, sem linhas de som e com apenas um telefone. Foi uma demonstração de força de um novo modelo de rádio que surgia, contrariando todos os princípios básicos que norteavam as transmissões de rádio até então.

Junto com as coberturas esportivas, a Rádio Itatiaia investiu no jornalismo. A primeira grande reportagem foi o acompanhamento de todos os lances envolvendo o chamado *Crime do Parque Municipal*, que atraiu as atenções e as curiosidades da sociedade belo-horizontina do início da década de 50. As três grandes emissoras da cidade não mudaram as suas programações por causa do noticiário envolvendo o crime e o julgamento do principal acusado. Mas, como era grande o interesse popular pelo assunto, a Itatiaia instalou um posto de transmissão no auditório do Fórum Lafayette, onde aconteceu a sessão para julgamento do assassino. A transmissão foi feita ininterruptamente durante 42 horas, com a dublagem, ao vivo, de todos os debates do júri. Tudo que acontecia no tribunal era retransmitido pela rádio. Esta cobertura, em 1954, marca a história da Itatiaia e o momento em que as outras emissoras começaram a prestar atenção na concorrente que surgia.

Também em 1954 um fato importante marcou a história do país: o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto. A Rádio Itatiaia ainda engatinhava, mas montou rapidamente uma cobertura jornalística da morte do presidente. Segundo o jornalista Ulisses Nascimento⁸, não havia pessoal, nem equipamento, mas o ouvinte da emissora pôde acompanhar toda a repercussão em Minas e também no Rio de Janeiro e até em outros Estados.

O jornalista disse que “a notícia do suicídio caiu sobre a população como um rastilho de pólvora”. Rapidamente, Januário Carneiro planejou a cobertura. Como na rádio não havia repórteres em número suficiente para uma cobertura deste porte, telefonou para seus colegas da redação do jornal *O Diário*

⁸ Depoimento à autora.

perguntando quem queria ir para as ruas acompanhar a repercussão do suicídio. Alguns jornalistas se prontificaram e, somados aos poucos repórteres da emissora, a Itatiaia montou postos em lugares estratégicos de Belo Horizonte, como praças, fábricas, sindicatos e centros de governo. Como a emissora não dispunha de telefones em número suficiente para a transmissão, a solução encontrada foi tomar emprestadas linhas em cada local onde havia um repórter atuando. Sobre o trabalho daquele dia, Ulisses Nascimento revela:

Fui escalado pelo Januário para ficar na Fábrica Tecidos da Cachoeirinha, no bairro Renascença. Lá, entrevistava os operários que foram liberados do serviço naquele dia. Eles saíam tristes e, em manifestações espontâneas, gritavam: Viva o Pai dos Pobres! Ficamos o dia todo na cobertura do suicídio. Eu tinha 24 anos na época e nunca vivi um dia de tamanho stress. Foi o dia de mais stress na minha vida.

Durante a programação, a Itatiaia acompanhava a movimentação no Rio de Janeiro pela Rádio Continental, que cobriu amplamente o evento. A emissora também colocou no ar *flashes* de outros Estados com a repercussão da morte do presidente. À meia-noite a Itatiaia encerrou a sua programação, como era costume na época, para reabri-la no dia seguinte, 25 de agosto, às seis horas da manhã. No Rio de Janeiro, o corpo do presidente morto foi velado durante toda a noite. Ao final do velório, a população acompanhou o cortejo do Palácio do Catete ao aeroporto. Em seguida, o corpo foi embarcado num avião para São Borja, no Rio Grande do Sul, terra natal do presidente. A Rádio Continental fez a transmissão do cortejo e a Rádio Itatiaia entrou em rede com a emissora do Rio, assim os ouvintes mineiros puderam acompanhar todos os detalhes. Ulisses Nascimento conta que

em São Borja, mais uma vez, a Itatiaia retransmitiu a Continental, na cerimônia do sepultamento de Getúlio. A Continental estava muito empenhada no jornalismo e no esporte como forma de tirar audiência da Rádio Nacional, da mesma forma que a Itatiaia em Belo Horizonte com relação à Rádio Inconfidência. Nos dias após o suicídio, a Itatiaia continuou transmitindo as informações acerca do momento político, da sucessão presidencial e da repercussão em Minas Gerais.

Outra cobertura dos primeiros tempos da Itatiaia e que faz parte da história de Belo Horizonte: era o ano de 1958 e a rádio tentava, de todas as formas, conquistar a audiência de um público que estava acostumado aos programas de auditório, às grandes orquestras e às novelas. A Capital mineira foi surpreendida com a notícia de que uns trapezistas alemães, chamados Zugspitzartisten, iriam esticar dois cabos de aço em plena Praça Sete, coração da cidade: o primeiro entre o 25º andar do Edifício Acaiaca e o 10º do Banco da Lavoura, hoje Banco Santander, e o segundo cabo entre o terraço do Lavourinha, na esquina de avenida Afonso Pena com rua Tamoios e o alto do prédio da Guanabara, na Afonso Pena com Espírito Santo. Nestes cabos de aço os trapezistas faziam um passeio em cima de uma motocicleta. Detalhe importante: não seria colocada qualquer proteção para o caso de um acidente. A população provinciana da Capital mineira da década de 50 se assustou com a audácia dos trapezistas e, nas esquinas, nos bares e nas casas, o assunto era um só: a loucura dos alemães.

O debate era acalorado e cada um tinha um palpite, uma opinião a dar no caso do passeio de motocicleta dos trapezistas. Januário Carneiro reuniu sua pequena equipe e disse aos companheiros que pretendia fazer uma cobertura daquele fato tão importante para a população. Muitas foram as sugestões, mas o dono da rádio rejeitou todas, afirmando que queria algo grandioso e diferente do ponto de vista jornalístico. Aí, deu sua ideia. Januário queria que um jornalista da Itatiaia fizesse o passeio nos cabos de aço junto com os trapezistas. Ele propôs a instalação de uma bicicleta junto ao cabo, para que um repórter acompanhasse tudo ao vivo. A princípio, pode-se pensar que ninguém toparia uma empreitada destas, mas a história não foi bem assim. Januário teve que promover um cara-ou-coroa, pois dois repórteres daquele tempo queriam, a todo custo, participar da cobertura jornalística do ano. José Lino Souza Barros e Waldir Rodrigues disputaram para ver quem faria a reportagem. José Lino ganhou.

Assim, a população de Belo Horizonte, atônita com o passeio dos trapezistas, ficou ainda mais abalada quando soube que aquela pequena rádio iria mandar um repórter para acompanhar ao vivo, lá de cima dos cabos de aço, tudo o que estivesse acontecendo. Eram quatro trapezistas, todos alemães: Rudy e Sylvia – que eram casados – e Alex Schock e Zigward Bach. Alex e Rudy caminhavam pelo cabo de aço e um, que saía primeiro, ficava assentado no meio do caminho, lá no alto, sacudindo a perna e esperando o outro que vinha. O outro passava sobre ele e cada um seguia o seu caminho para o outro lado da Afonso Pena. Sylvia também participava e Zigward apenas pilotava a motocicleta por uma razão muito simples: por causa de quedas sucessivas ele já não tinha muita habilidade com as pernas.

Depois da definição da cobertura e do repórter, uma equipe – José Lino inclusive – foi ao hotel onde estavam os trapezistas explicar a eles os planos da rádio. O empresário do grupo achou aquele projeto meio esquisito, mas conversou com os outros companheiros, que aceitaram na hora a proposta. José Lino explica como foi esta reportagem⁹:

A minha sorte foi decidida no cara-ou-coroa e a viagem foi feita na moto. Zigward pilotando a moto, que era barulhenta pra caramba, certamente de propósito, para assustar ainda mais e o Alex Shock na parte de baixo. Na verdade, a moto não cairia nunca. Ela não tinha pneus, mas o povo não sabia disso. O aro da roda rolava pelo cabo de aço e o peso maior ficava na parte de baixo como um “João Teimoso”. Como a moto não dava marcha à ré, ela fazia uma manobra de subida para depois voltar ao ponto de partida. A possibilidade de um tombo seria, provavelmente, se o aro da roda deslizesse pelo cabo numa parada rápida.

Lá do alto do cabo, José Lino abriu uma faixa com a inscrição “RÁDIO ITATIAIA” e foi aplaudido pela multidão que se espremia lá em embaixo. A transmissão feita por Januário Carneiro ainda está arquivada em fita cassete e, apesar da péssima qualidade do som, ainda é possível ouvi-lo falando pausadamente na abertura da transmissão: “Nada há que se compare a esta alucinante arte alemã de bailar em frios e oscilantes cabos de aço a doidas alturas.” Num outro trecho da cobertura, Januário disse:

⁹ Depoimento à autora.

As bocas só se abrem para dizer: “são uns loucos”. Mas não são propriamente loucos. Acima de tudo, corajosos, sim, a não se aperceber a temer a negra e funda garganta que se abre a seus pés, pronta para tragá-los, ávida por devorá-los contra seu forro de pedra, concreto e asfalto.

Um outro projeto jornalístico marca a história da Itatiaia, mas desta vez envolvendo o noticiário policial. Osvaldo Faria, que se notabilizou pelos comentários esportivos, comandava inicialmente um programa em que entrevistava presos e dava notícias do mundo do crime. Um dia, resolveu entrevistar Caryl Chesmann, o famoso *Bandido da Luz Vermelha*, que aguardava sua execução na câmara de gás de San Quentin, nos Estados Unidos. Chesmann era notícia no mundo inteiro, pois escrevera um livro na prisão, contando sua versão dos crimes dos quais era acusado. Com a autorização de Januário, Osvaldo vendeu as cotas de patrocínio e embarcou para os Estados Unidos, sem falar uma única palavra em inglês. Na viagem, tudo parecia que ia dar errado. Em pleno voo, descobriu que a penitenciária de San Quentin ficava em San Francisco e estava indo para Los Angeles. Falando “portunhol” e contando com uma boa dose de sorte, Osvaldo conseguiu encontrar um fotógrafo para lhe servir de intérprete. Porém, como não havia marcado a entrevista antecipadamente, enfrentou mais problemas, mas prevaleceu a versão de que tinha uma autorização do governador da Califórnia para a entrevista. Mas faltava ainda o consentimento de Caryl Chesmann para o encontro:

Mesmo passada a hora de visita, o diretor concordou em perguntar ao condenado se aceitava dar a entrevista. Chesmann abriu mão de seu banho de sol e eles foram admitidos na cela 2.455. Não era permitida a entrada de gravadores na penitenciária, mas na confusão armada na portaria ninguém se lembrou de revistar o repórter brasileiro, que tentava se fazer entender com uma gesticulação descontrolada. Osvaldo também não sabia da proibição, e por isso gravou tranquilamente toda a conversa (CARVALHO e MARTINS, 1992, p. 88).

Durante a entrevista, Osvaldo teve o cuidado de tirar uma foto de Caryl Chesmann segurando o jornal *O Binômio*, que fazia grande sucesso em Belo Horizonte. No dia da execução de Chesmann, a população mineira acompanhou a gravação, ouvindo a voz do bandido que acabara de morrer em San Francisco.

Até o início da década de 60, a Itatiaia baseou sua programação sobre dois pilares: esporte e jornalismo, a partir de informativos, reportagens, coberturas locais e internacionais. No final de 1960, a emissora decidiu ampliar sua programação, com a criação de quadros musicais voltados para o ouvinte que não tinha tanto interesse pelo noticiário e pelo futebol.

Na década de 70, a Rádio Itatiaia já estava consolidada como emissora importante no cenário radiofônico mineiro, mas só no final da década de 80 conseguiu chegar ao primeiro lugar de audiência. Januário Carneiro disse, certa vez, num discurso:

Tinha acontecido, finalmente, o milagre da fé e do trabalho. Seguramente erramos muitas vezes, mas sabemos também que nunca tivemos o propósito. Fixamos a imagem de estação séria e de

negócio honesto. Pessoalmente, contudo, o progresso e o êxito não significaram tanto como a paga maior, a felicidade de saber que podia olhar tranquilamente para o longo e penoso caminho percorrido e encontrar-me, a mim mesmo, no começo da história, prometendo, no discurso da inauguração da Itatiaia: Nós venderemos espaço, não venderemos opinião.¹⁰

A Rádio Itatiaia é uma empresa particular, sem ligação com grupos religiosos ou políticos, de administração tipicamente familiar. O irmão do fundador da empresa, Emanuel Carneiro, dirige a emissora e seu filho mais velho, Cláudio Carneiro, é o vice-presidente e, certamente, o sucessor.

A Itatiaia foi a primeira emissora mineira a contratar um canal de satélite para expandir o alcance da sua programação, através da Rede Itasat. A Rede trabalha com emissoras próprias e com estações afiliadas, que captam as transmissões via satélite da Rádio Itatiaia e as retransmitem para sua região. Cada emissora que faz parte da rede é responsável pela cobertura de uma determinada região do Estado. A Rede é constituída por seis emissoras próprias (além, de Belo Horizonte, também nas cidades de Juiz de Fora, Montes Claros, Ouro Preto, Timóteo e Uberlândia) e mais 55 estações afiliadas que captam as transmissões via satélite da Rádio Itatiaia AM/FM e as retransmitem para a sua região. Fundada em 1996 e pioneira em Minas Gerais na tecnologia SAT, a Rede tem o objetivo de integrar o território mineiro. A Rede abrange quase 800 municípios, cerca de 92% do Estado. As ondas do sistema de difusão por satélite alcançam ainda cidades do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Goiás. Por contrato, as emissoras que fazem parte da Rede são obrigadas a transmitir parte do *Jornal da Itatiaia 1ª Edição* e o *Jornal da Itatiaia 2ª Edição* completo. Mas, na realidade, a maioria das emissoras acaba utilizando de boa parte do restante da programação.

A Rádio Itatiaia é transmitida, simultaneamente, em AM (610) e FM (95,7). Em 2000, a direção da empresa possuía duas emissoras diferentes, ambas chamadas Itatiaia, com transmissão em AM e FM, cada uma com um tipo de programação. Com a queda cada vez mais acentuada da audiência do AM em Belo Horizonte, a direção da empresa decidiu extinguir o modelo musical de emissora e a Itatiaia, com foco no jornalismo e no esporte, passou a ser transmitida em ambas as frequências.

Ainda hoje, um dos destaques da programação da rádio é a cobertura esportiva, que atinge mais de 90% de audiência. Mantém ainda um confortável primeiro lugar na audiência do AM mas, no FM, não consegue desbancar a Rádio Liberdade, soberana há 14 anos no posto. A Itatiaia também amarga a perda, para a Rádio 107, da honrosa colocação de emissora que mais atrai a fidelidade dos ouvintes. No entanto,

¹⁰ Este texto foi retirado, pela autora, de um artigo assinado por Januário Carneiro e encontrado dentro de um encarte de recortes de jornais sobre a história da Rádio Itatiaia.

é a emissora de maior credibilidade em Minas e, quando alguém ou alguma empresa quer falar com a população como um todo, a escolha recai sobre a Itatiaia.

Apesar de não ocupar o primeiro lugar de audiência e nem ser a número um em fidelidade dos ouvintes, é inegável a defesa e a ligação da Itatiaia com os interesses mineiros. Minas Gerais não é sede de nenhuma das grandes redes de televisão, que estão concentradas no eixo Rio-São Paulo. A última emissora tida como genuinamente mineira era a TV Itacolomi, pertencente aos Diários e Emissoras Associados. Quando a Itacolomi acabou, houve uma verdadeira comoção entre a população, que se dizia órfã de um veículo de comunicação que defendesse os interesses de Minas. A Rádio Itatiaia assumiu com propriedade esse papel e é identificada como “A rádio de Minas”, que é, inclusive, o slogan da emissora. Assim, a rádio passou a ser considerada como a mídia mais importante do Estado, já que as emissoras de TV aberta são apenas repetidoras de programação externa (com exceção da Alterosa, que retransmite a programação do SBT, mas possui produção local também) e as demais emissoras de rádio não procuraram preencher esta lacuna. Há a TV Minas, pertencente ao governo do Estado, mas sua programação tem variado com as mudanças de cada mandato e, possivelmente, com os interesses de quem está no poder. As emissoras de TV a cabo atingem fundamentalmente as classes de maior poder aquisitivo, não chegando à maior parte da população. Desta forma, a Rádio Itatiaia é hoje a emissora que sintetiza os interesses e a cultura do povo mineiro. Ou como explica Salomão (2003), “a Rádio Itatiaia estabeleceu-se no rádio brasileiro nas últimas décadas como um forte exemplo de sucesso e potencial de vinculação social e identificação sobre o ouvinte” (p. 126). Um exemplo desta ligação da rádio com o público é dado por Costa (2010):

No dia 10 de novembro de 2008, após uma cirurgia, Juvenal Rosalvo Bispo, de 87 anos, pediu ao filho que, “escondido”, tentasse levar um rádio para o CTI para não perder a programação do dia. Foi impossível. No dia seguinte, quando do sepultamento do pai, no Cemitério da Paz, em Belo Horizonte, o filho José Geraldo, com a concordância da viúva, Delmira Rosa Bispo e outros parentes, colocou dentro da sepultura e junto ao corpo de Juvenal um rádio ligado na Itatiaia, “com pilhas novas”. Um amigo que a tudo viu contou depois na emissora e houve grande repercussão na cidade (p. 38).

A programação da emissora é também transmitida em tempo real pela internet, pelo site <http://www.itatiaia.com.br>, pelo canal 411 da Sky e pelos aplicativos da Itatiaia para iPhone e aparelhos com o sistema Android. O site conta com uma média de 15 mil visitantes únicos diários, sendo que em datas de grandes transmissões esportivas, como jogos clássicos do futebol, são alcançados picos de até 70 mil ouvintes diários. De acordo com dados da emissora, a partir de 2005, quando o site foi reformulado, a quantidade de pessoas que ouvem a Itatiaia através da internet - incluindo-se transmissão ao vivo, vem aumentando, em média, 20% a cada mês.

A grade de programação da rádio não tem sofrido grandes alterações no decorrer dos anos, trazendo,

certamente, a fidelização do ouvinte. Mas algumas modificações podem ser registradas:

- 0h: *Varig é Dona da Noite* foi transformado em *Itatiaia é Dona da Noite* (0h às 4h)
- 4 às 6h30: *Programa Edson Andrade* foi transformado em Programa Gilvan Costa (4 às 6h) e hoje é *Acorda Paschoal*
- 6h30 às 7h: *Tiro de Meta* (hoje vai ao ar de 6 às 6h30)
- 7 às 8h: *Jornal da Itatiaia* (hoje vai ar de 6h30 às 9h)
- 8 às 9h: *Programa Acir Antão* (hoje vai ao ar de 9 às 10)
- 9h às 11h20: *Rádio Vivo* (hoje vai ar de 10 às 11h30)
- 11h20 às 12h30: comentário esportivo e *Rádio Esportes* (hoje o programa começa às 11h30)
- 12h30 às 13h: *Rádio Polícia*, depois *Polícia é Notícia* e hoje *Jornal da Itatiaia 2ª Edição*
- 13 às 14h: *Resenha do Jogue*, depois *Polícia é Notícia* e hoje *Chamada Geral*
- 14h: *Show da Tarde*, depois *Viva a Tarde* e hoje *Boa Tarde*
- 16 às 17h: *Plantão da Cidade*
- 17h30 às 18h: Itatiaia Patrulha (hoje vai ao ar de 17 às 18h)
- 18h: *Cadeia da Prece*
- 18h às 19h: *Turma do Bate Bola*
- 19 às 20h: *Voz do Brasil*
- 20 às 20h30: *Projeto Minerva*, depois *Programa Dirceu Pereira* (20 às 21h)
- 20h30 às 23h: *Caxangá e Sua Gente* e *Programa Tião Moreno*, hoje *Bastidores* (20 às 21h) e *Noite Livre* (21 às 23h)
- 23h às 0h: *Apito Final*

Radiojornalismo em três fases

A trajetória do jornalismo da Rádio Itatiaia pode ser dividida em três fases, segundo o diretor do Departamento de Jornalismo da emissora, Márcio Doti¹¹ e o divisor é feito pela Revolução de 64. Assim, o jornalismo da rádio é marcado pelas fases: antes, durante e depois do golpe militar. Mas o jornalista vislumbra um novo período marcado pelo advento das novas tecnologias digitais e que impacta os modos de produção da emissora.

O jornalismo da rádio antes de 64 era produzido por uma equipe pequena, mas com programação estruturada, chefiada por José Lino Souza Barros. O *Jornal dos 12* era veiculado de segunda a sexta-feira, ao meio-dia, com notícias gerais e comentários; o *Rádio Polícia* apresentava uma vertente cômica do mundo do crime e os noticiários de hora em hora informavam a população sobre os últimos acontecimentos.

¹¹ Depoimento à autora.

Com a chegada da censura, imposta pelo regime militar, “o jornalismo da Itatiaia foi desaquecido, mas aproveitávamos todas as brechas para dar as notícias que queríamos”, segundo Márcio Doti. Ele explica que, na fase mais dura, a notícia era dada rapidamente, antes que alguém impedisse, já que havia um censor e depois, um soldado de plantão na redação. Doti relembra também a fase da auto-censura no jornalismo, já que os profissionais viviam sob o regime do temor de terem problemas com os militares.

Em 1974, com o abrandamento da linha dura do regime militar, Márcio Doti foi convidado, pela direção da emissora, a reestruturar o jornalismo da Itatiaia. Solidificou, então, o *Jornal da Itatiaia*, informativo transmitido das 7h às 8h, criado por Acir Antão e Evandro Bandeira e aumentou a equipe de funcionários e estagiários, com um carro na pauta pela manhã e outro à tarde.

Um trabalho importante no campo jornalístico realizado pela rádio, durante mais de uma década, foi a apuração paralela de eleições para o legislativo e executivo. Iniciado em 1976¹², o trabalho consistia em recrutar um batalhão de repórteres e estagiários para acompanhar e transmitir a apuração dos votos de todas as seções eleitorais. Na redação, uma central totalizava os votos e, a todo momento, a população era informada do que a rádio chamava de *Marcha das apurações*. É importante destacar que os números fornecidos pela emissora chegavam ao público muito antes das informações oficiais do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) ou do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em Belo Horizonte, a apuração paralela contratava cerca de 100 profissionais e, no interior, por volta de 80, já que as cidades eram agrupadas em regiões-pólo.

Márcio Doti relembra que, em 1982, logo após vencer as eleições para o governo de Minas Gerais, Tancredo Neves convidou Januário Carneiro para um almoço no Palácio da Liberdade. No encontro, Tancredo disse para Januário: “Você sabe que a Rádio Itatiaia teve um papel importantíssimo para eu estar aqui hoje”. Januário perguntou: “Mas como?”. Tancredo explicou que logo depois das eleições para o governo de Minas, os veículos de mídia montaram seus esquemas de apuração paralela. Só que os resultados da Itatiaia eram completamente diferentes de todos os outros, inclusive os da TV Globo e também dos números oficiais do TRE: todos informavam que o candidato Eliseu Resende estava na frente, apenas a Itatiaia apontava Tancredo Neves como vencedor. A certa altura da apuração, houve até um momento de grande tensão entre os funcionários da Itatiaia, que questionavam a cientificidade do método de totalização dos votos empregado pela emissora. Mas a Itatiaia ficou firme na posição de apontar Tancredo como vencedor e o governador lembrou-se disso logo após a posse, homenageando Januário Carneiro com um almoço.

¹² A última apuração paralela realizada pela Rádio Itatiaia foi em 1990.

Na década de 80, o jornalismo da Itatiaia, até então muito centrado apenas em noticiários de hora em hora e no *Jornal da Itatiaia*, migrou para os programas, ampliando o leque de informação divulgada para o público. A equipe de jornalismo é hoje formada por 42 pessoas¹³, entre jornalistas e estagiários, que se revezam em turnos 24 horas por dia, com correspondentes permanentes em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York. O diretor de Jornalismo é Márcio Doti e a coordenadora de Jornalismo Maria Cláudia Santos. Essa equipe é diretamente responsável pela produção de conteúdo para oito horas e meia da programação da emissora, incluindo-se aí o *Jornal da Itatiaia 1ª Edição e 2ª Edição*, os noticiários de hora em hora e os programas *Rádio Vivo*, *Chamada Geral*, *Plantão da Cidade* e *Itatiaia Patrulha*.

Segundo Maria Cláudia Santos¹⁴ o jornalismo da Rádio Itatiaia passa por um momento, que pode ser considerado histórico, de adaptação à realidade mundial de produzir para um ouvinte que conta com uma profusão de informação acessível por vários suportes. Ela explica:

Pesquisas mostram, por exemplo, que a internet já é a segunda fonte de informação para o ouvinte da Itatiaia que, tradicionalmente, tem a emissora como a principal fonte para se informar. Para isso, a rotina de produção, sobretudo dos jornais da Itatiaia, tem preterido muitas vezes algumas abordagens do Agenda-setting para o investimento em temas que não estão sendo tão explorados pelos diversos veículos. A nossa pauta, desde a reunião para a sua concepção, reflete hoje uma preocupação muito grande com assuntos “nossos”, que podem, eventualmente, fugir um pouco dos assuntos que outros veículos estão investindo naquele dia. Isso tudo em função da busca por prender o ouvinte com um tipo de jornalismo que ele não vai encontrar em todos os veículos, que tenha as características da emissora.

A coordenadora explica, ainda, que o desafio é conseguir realizar essa tarefa sem perder o compromisso com o factual, com o dever de deixar o ouvinte bem informado sobre tudo o que está acontecendo, principalmente em Belo Horizonte e Minas Gerais. A jornalista destaca: “Uma das estratégias para a obtenção desse equilíbrio é abordar os assuntos que todos os veículos estão tratando em formato de notas, lidas pelos noticiaristas. Assim, o esforço de reportagem é direcionado para pautas mais trabalhadas, inéditas, com o *foco Itatiaia*”.

Conforme já foi destacado, além das três fases já expostas, Márcio Doti vislumbra um novo momento no jornalismo da Itatiaia: o trabalho sob a égide das novas tecnologias digitais. Ele explica:

O futuro do rádio é o jornalismo, pois são as variedades do jornalismo que sustentam a programação. A digitalização traz o aumento do número de fontes, a velocidade da informação, maior qualidade, mas a nossa base continua sendo o interesse em informar. Mais do que informar rápido, queremos sempre informar com qualidade e rigor.

¹³ Diretor (Márcio Doti), coordenadores (Maria Cláudia Santos e Fernanda Rodrigues), produtores (Roberta Xavier, Juliana Lima, Selma Sueli Silva e Jacqueline Martins de Moura), editores (Hamilton Gualberto, Mábila Soares, Alexandre Botinha do Nascimento e Aparecida de Oliveira), repórteres (Gabriela Speziali (Brasília), Aparecida Ferreira (Brasília), Laudívio Carvalho, Carlos Viana, Eduardo Costa, Eustáquio Ramos, Mônica Miranda, Solange Bastos, Alessandra Mendes, Camila Dias, Renato Rios, Edilene Lopes, Edgard Júnior (USA), Marcel Naves (SP), Ernani Alves (RJ), Osvaldo Diniz), locutores (Acir Antão, José Carlos Piotto, José Lino Souza Barros, Robson Lauriano, Renato Gonçalves, Milton Teodoro, Leonardo Ângelo), noticiaristas (Camila Campos, Kátia Pereira e Rui Chaves), estagiários (Ana Carolina Alves, Priscila Mendes e Aline Campolina), recepcionista de estúdio (Cida Dantas) e secretária (Cida Quintão).

¹⁴ Depoimento à autora.

O jornalista destaca que, independentemente das novidades tecnológicas, o que continua valendo é a prática jornalística com foco na verdade e no compromisso social: “o rádio do futuro é o rádio da segmentação. O caminho é a diferenciação. Esse é o rádio que marca, que motiva, que inova. A Itatiaia vai continuar investindo sempre neste modelo de jornalismo que diferencia e que tem o compromisso com a sociedade”.

Mas o que pensam os jornalistas da emissora sobre o impacto da digitalização na rotina de trabalho? Em Prata, Campelo e Santos (2008) foram entrevistados os integrantes do Departamento de Jornalismo da Itatiaia (jornalistas e estagiários), um total de 34 pessoas à época, sobre o impacto da digitalização no processo de produção das notícias radiofônicas.

A grande maioria dos respondentes (85,7%) acredita que o papel do radiojornalista diante das novas tecnologias já é bem diferente do jornalismo praticado pouco tempo atrás. Afinal, afirmam: “Foi preciso que, em curto prazo, nos adaptássemos à máquina, à internet, às edições em rede, à linguagem. A informatização mudou o ritmo, agilizou, reciclou”. E para que as novas rotinas de produção exigidas por uma redação informatizada pudessem continuar sendo realizadas, algumas dificuldades foram enfrentadas.

As mudanças na rotina da redação provocadas pelas novas tecnologias não foram percebidas por 14,28% dos respondentes, mas para 85,72% deles, muita coisa foi alterada. De acordo com 24 pessoas, não foram poucas as novidades que surgiram, especialmente no que dizem respeito à “velocidade e qualidade da informação, à agilidade na apuração, à precisão dos fatos, à facilidade de acessar notícias do mundo inteiro, à modernização dos equipamentos utilizados, além de novas possibilidades criativas, da maior eficiência no trabalho, da facilidade para a edição técnica e da otimização do tempo”, dentre outras.

Para 85,7% dos respondentes, a produção do conteúdo jornalístico para o rádio melhorou diante das novas tecnologias, especialmente em função da quantidade de informações a que se tem acesso atualmente. “As novas ferramentas de busca auxiliam na prática da apuração proporcionando maior agilidade e melhor qualidade também na divulgação de conteúdos. Tudo se torna mais preciso diante da facilidade de pesquisa, implicando em um trabalho mais independente e econômico e em uma transmissão de informação mais instantânea”.

Uma jornalista afirmou, no entanto, que nem tudo é assim tão positivo como parece aos olhos dos

desavisados: “Percebo muitos profissionais acomodados com as informações instantâneas obtidas pela internet. Não se faz jornalismo só apurando via web. O rigor na apuração dos fatos precisa ser mantido a qualquer custo. Essa é a premissa básica para se fazer jornalismo, verdadeiramente”.

Com relação ao jornalismo a ser praticado, alguns respondentes apontaram múltiplas expectativas:

- A expectativa de um jornalismo de mais qualidade: a qualidade, tanto técnica quanto de conteúdo, foi mencionada por 15 respondentes.
- A expectativa de um jornalismo mais ágil e acessível a um número maior de pessoas, com informações cada vez mais imediatas, rápidas e dinâmicas: apareceu doze vezes.
- Um jornalismo interativo e mais próximo do ouvinte: foi mencionado treze vezes.
- Um jornalismo mais ético, honesto, e de credibilidade, voltado para o interesse público e sem jabá¹⁵: foi apontado por oito pessoas.
- A expectativa de um jornalismo direto, objetivo, prático, responsável, de acordo com o novo tempo, desafiador, competitivo e moderno: uma vez cada.

Os respondentes lembraram, ainda, a possibilidade de esse jornalismo contar com mais recursos, além de priorizar a cobertura da editoria de cidade. Um dos jornalistas afirmou: “A Itatiaia, por exemplo, tem tradição de inovação e pioneirismo e isso se deve confirmar, mais uma vez, com a era digital. A Itatiaia é assim: uma grande emissora que fala de um jeito que todos os mineiros entendem, sem perder o seu foco e, principalmente, a sua ousadia”. Um respondente, contudo, não se mostra otimista face às novas tecnologias: “Acredito que o radiojornalismo terá as mesmas carências de sempre – pouca gente, muito improvisado e excessivo volume de trabalho”.

Sobre a relação entre a tecnologia e o cotidiano jornalístico, as opiniões se dividem. Para alguns, os avanços tecnológicos só trazem vantagens para a prática profissional, para outros, porém, é preciso ter cautela: “Que possamos acompanhá-los, mas que não venham substituir a mão de obra humana. Que estejam à nossa disposição, que possam nos servir, mas que não nos escravizem. Sinto que gastamos cada vez mais tempo operando as novas tecnologias em detrimento da qualidade jornalística. Diante desses avanços, sinto que precisamos ser cada vez mais multifuncionais, para sobreviver no mercado. Seria interessante se, na mesma proporção em que se evidenciam os avanços tecnológicos, pudessem se evidenciar, também, o reconhecimento, a remuneração e a valorização profissional, gerando, com isso, melhores condições de trabalho”.

¹⁵ Jabá (ou jabaculé) é o nome dado à troca de favores entre a emissora de rádio e pessoas ou empresas, geralmente envolvendo negociações financeiras.

Conclusão

Ao se preparar para comemorar 60 anos de fundação, de prática jornalística diária e de presença na vida do povo mineiro, a Rádio Itatiaia enfrenta talvez um dos maiores desafios de sua história: encontrar o seu papel num contexto dominado pelas novas tecnologias de informação. A trajetória da emissora é marcada por lances ousados e coberturas jornalísticas de vanguarda, mas a chegada da digitalização impõe a necessidade de, mais que boas idéias, novos parâmetros e novos rumos.

A Itatiaia, como não faz parte de nenhuma rede nacional de rádio, deve reforçar a sua vocação jornalística fazendo valer o seu slogan “A rádio de Minas”, reforçando o seu caráter de emissora local, mas atenta às imposições da nova sociedade tecnológica.

Referências

- CARVALHO, André e MARTINS, Kao. *Habla, Señor. Um homem chamado Januário*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1992.
- COSTA, Eduardo. *A Itatiaia e seus ouvintes: interação à mineira*. In: PRATA, Nair (org). *O rádio entre as montanhas – histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira*. Belo Horizonte: Editora Fundac, 2010.
- PRATA, Nair; CAMPELO, Wanir e SANTOS, Maria Cláudia. *O impacto da digitalização no processo de produção das notícias radiofônicas, segundo os jornalistas da rádio Itatiaia*. Anais do IX Congresso Latinoamericano de Investigación de la Comunicación, México, 2008.
- PRATA, Nair. *História do rádio em Minas Gerais*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes e CUNHA, Mágda. (org.). *Rádio brasileiro - episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- _____. *O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas*. In: BAUM, Ana. (org.). *Vargas, agosto de 54 - a história contada pelas ondas do rádio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- _____. *Panorama do rádio em Belo Horizonte*. In: PRATA, Nair (org). *O rádio entre as montanhas – histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira*. Belo Horizonte: Editora Fundac, 2010.
- _____. Tancredo Neves: a agonia e a morte do presidente pelas ondas da Rádio Itatiaia. Anais do 3º Encontro Nacional da Rede Alcar, Novo Hamburgo, 2005.
- SALOMÃO, Mozahir. *Jornalismo radiofônico e vinculação social*. São Paulo: Annablume, 2003.